



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea

Lua Cheia, Janeiro de 2012, nº 147



Mãe, ouve o meu apelo!

Mãe, ouve o meu apelo! Toca o meu coração com o teu amor e acalma as dores que me tiram a paz. Serena o meu espírito com o sopro da tua compaixão para que as angústias se dissipem. Acolhe as preocupações que me desassossegam e me entrega a confiança de que haverás de me inspirar a melhor solução. Dá-me a virtude da fé se eu desacreditar da vida e me ensina a perseverança em lugar do desânimo. Sê o meu estímulo quando eu desencorajar e o meu ânimo, se eu fraquejar.

Não permitas, Mãe, que os problemas sejam maiores do que a capacidade que me deste para resolvê-los. Que nenhuma dificuldade exceda as forças do meu espírito. Que o mal não me alcance e a desventura não me vença. Que o desespero não me aconselhe e o medo não regre a minha conduta. Que os obstáculos não cancelem a minha alegria e que a tristeza se desfaça pelo contentamento de estar sob a tua guarda e proteção, sempre!

Não deixes, Mãe, que o temor domine a coragem, impedindo que avancem os meus propósitos e se realizem os sonhos que acalento.

Que a minha vontade esteja em plena harmonia com a tua, para que a minha caminhada não se desvie dos teus planos. Faz-me compreender e aceitar os teus projetos para mim quando eles forem diferentes do que eu desejar, e que os teus sagrados desígnios se cumpram, não os meus profanos anseios.

Abençoa, Mãe, as minhas mãos com a habilidade realizadora do trabalho para produzir o meu sustento sem agredir a natureza. Abençoa os meus pés para que trilhem o caminho do bem e dele jamais se desviem, seguindo na tua luminosa direção, de volta ao teu aconchego ao fim dos meus dias sobre a terra. Abençoa o meu coração para que pulse em unísono com o teu e esteja aberto a toda a irmandade universal. Abençoa os meus olhos para que eles se orientem pela verdade dos teus ensinamentos e assim sejam poupados de enganar e ilusões. Abençoa-me onde eu estiver, com quem estiver e no que fizer, como até aqui, hoje e por toda a minha vida.



Liberta-me, Mãe, da vaidade para que eu reconheça que todas as vitórias são dádivas com que me tu favoreces, que os triunfos são partilhas do amor que me ofereces, que as glórias que desfruto são dadas pela tua nobreza, não pela minha. Lembra-me, a cada instante, da humildade que aprecias e da bondade que te agrada, a fim de que eu não busque lauréis efêmeros, mas a graça de ser uma contigo. E ainda que não possa comparar-me a ti, que eu não te perca como exemplo.

Perdoa, Mãe, as minhas fraquezas humanas e lapida-me, pelo teu ensinamento, para que me torne uma pessoa melhor do que sou. Releva a minha ignorância e mostra-me o rumo da sabedoria. Que eu não seja indiferente ao meu próximo como não desejo que me relegues ao esquecimento. Que todas as minhas ações contemplem o bem de todos e o bem do todo a que pertenco. Não me afastes dos teus cuidados e, se eu me distanciar de ti, resgata-me de novo ao teu colo, onde quero estar.

Faz, Mãe, com que minha alma seja cristalina, sem marcas de sofrimento nem mágoas do passado, e que ela seja livre para mais te amar e para amar todos os seres da divina criação. Desfaz os nós que possam aprisioná-la a lembranças que acendem ressentimentos e reavivem

amarguras. Que minha alma seja leve como a brisa de uma manhã de primavera e que possa bailar entre experiências e aprendizados. Que o meu corpo, abrigo transitório do meu ser, seja tratado com desvelo, respeito e carinho, mantendo-o saudável e longe de qualquer perigo.

Mãe, eu te reverencio em oração e nos apelos que a ti confio. Estás em minhas preces e no meu silêncio, no meu riso e nas lágrimas que derramo, no dia que amanhece e no luar que contemplo. És minha protetora e guia, a minha luz e a melhor inspiração, a palavra que dou e a bênção que recebo. Intercessora, és quem me conduz, a que me eleva à condição de filha do teu amor e aquela que está em todos em torno de mim, como conciliadora. Minha mãe, irmã e amiga, estou aqui, com o meu coração aos teus pés, orando para que tudo eu faça a fim de merecer a tua presença em mim, desde os tempos imemoriais, na humanidade que me ofertas até o infinito da minha espiritualidade. Que seja assim!

Vera Pinheiro

Edição e Diagramação:

Nane Silva

Informações:

Nane - 96779453 Andrea - 34084065

Web:

deusaviva@teiadethea.org



Mirella Faur

As Deusas- Mães da Mesopotâmia

A Deusa-Mãe se apresenta historicamente com inúmeras denominações e suas origens remontam a tempos imemoriais, com registros mais evidentes no período neolítico. Muitos escritores assumem que o culto à Deusa-Mãe era praticamente universal, com base em achados comuns de estatuetas femininas de terracota, desde Anatólia antiga à Suméria, da Índia ao Egito. Cada aspecto da atividade humana era regido por uma determinada divindade, prevalecendo as deusas. Somente no final da Idade de Bronze que a Deusa Mãe é substituída paulatinamente pela ascensão dos cultos dos deuses, as imagens femininas sendo trocadas pelas masculinas e o princípio masculino passando a predominar na religião e na sociedade. A separação entre o céu e terra torna-se a ideologia da Idade de Ferro, tão bem demonstrada na inversão dos antigos valores matrifocais do mito sumério da criação do mundo, pelos arquétipos masculinos do mito babilônio, ambos descritos abaixo.

Uma das mais antigas civilizações é originária da Mesopotâmia, cujo nome de origem grega significa "terra entre rios" por se localizar entre os rios Tigre e Eufrates. Vários povos antigos habitaram essa região entre os séculos V e I a.C.; os primeiros foram os semitas acádios (conhecidos depois como assírios e babilônios) e os sumérios (que apareceram no quarto milênio a.C.), todos eles buscando regiões férteis, próximas aos rios, para desenvolverem suas comunidades. Dentro desta perspectiva, Mesopotâmia era uma excelente opção pois garantia à população água abundante para consumo e como agente fertilizadora das margens, garantindo assim condições ótimas para a agricultura, além dos inúmeros rios usados para pesca e como vias de transporte. Os povos citados eram politeístas, pois acreditavam em várias divindades ligadas às forças da natureza; sua economia era baseada na agricultura e no comércio nômade de caravanas.

Sumérios

Os sumérios se estabeleceram na região localizada entre os rios Tigre e Eufrates, na área que hoje conhecemos como Iraque, do norte de Bagdá até o Golfo Pérsico, desde pelo menos 4500 anos antes da nossa era; lá permaneceram até serem conquistados e assimilados pelos babilônios, três mil anos depois. Sua existência, língua, cultura, religião e organização social foram amplamente documentadas em textos inscritos em tabuletas de argila, desenterradas - ao longo de milênios - das areias do deserto arábico. Os sumérios eram muito avançados, pois além da sua grande contribuição com o desenvolvimento da escrita cuneiforme (criada por volta de 4000 a.C. gravando inscrições sobre placas de barro e depois queimando-as), inventaram também a matemática, astronomia, astrologia, o calendário solar, os veículos sobre rodas, entre outras benfeitorias. Eles se destacaram pela construção de um complexo sistema de controle da água dos rios, construindo canais de irrigação, barragens e diques, a armazenagem da água sendo de fundamental importância para a sobrevivência das comunidades. Excelentes arquitetos e construtores desenvolveram os zigurates, construções em formato de pirâmides, que serviam além de locais de armazenagem de produtos agrícolas também como templos religiosos. Os sumérios construíram várias cidades importantes como, por exemplo, Ur, Nipur, Lagash e Eridu. Ao Norte da Suméria, numa área conhecida como Akkad, surgiu aos poucos outra civilização conhecida como acádia, cuja língua pertencia ao tronco semita. No segundo milênio a.C. os dois povos foram unidos pelo rei Sargon, formando o primeiro império do mundo, mas que se dividiu após dois séculos em Assíria, no Norte e Babilônia, no Sul. Com o passar do tempo, os sumérios desapareceram sendo absorvidos na população assírio-babilônica.

Babilônios

Os babilônios moravam nas margens do rio Eufrates e foram responsáveis por um dos primeiros códigos de leis de que temos conhecimento. Baseando-se nas Leis de Talião ("olho por olho, dente por dente"), o imperador e legislador Hamurabi desenvolveu um conjunto de regras para poder organizar e controlar a sociedade. De acordo com o Código de Hamurabi, todo criminoso deveria ser punido de uma forma proporcional ao delito cometido. Sendo excelentes observadores dos astros e detentores de grande conhecimento de astronomia, os babilônios desenvolveram um rico e preciso calendário, cujo objetivo principal era conhecer mais sobre as cheias do rio Eufrates e obter assim melhores condições para o desenvolvimento da

agricultura. A sua civilização floresceu principalmente sob a dinastia Caldeia, que ampliou o culto do deus lunar Sin. Os caldeus, de origem semita, habitaram a região conhecida como Baixa Mesopotâmia no primeiro milênio antes de Cristo. O imperador caldeu mais importante foi Nabucodonosor II e após a sua morte o império babilônico foi conquistado pelos persas em 500 a.C. e em 300 a.C. pelo Alexandre, O Grande.

Assírios

Os assírios destacaram-se pela organização e o desenvolvimento de uma cultura militar, encarando a guerra como uma das principais formas de conquistar poder e desenvolver a sociedade. Eram extremamente cruéis com os povos inimigos que conquistavam, impondo aos vencidos castigos e crueldades, como uma forma violenta de manter respeito e espalhar o medo. Por isso tiveram que enfrentar uma série de revoltas populares nas regiões que conquistavam. A sua religião era uma evolução das antigas religiões - suméria e assíria - centrada no culto de um só deus - Assur -, todavia reconhecendo a existência de outras divindades. O cristianismo se instalou na região no primeiro século d.C. mas as religiões nativas e o culto dos deuses Assur e Sin continuaram até o século 4 d.C. Aos poucos, novas religiões começaram a aparecer na região como o judaísmo, budismo, zoroastrismo, que foram perseguidas e banidas, sendo substituídas depois pelo islamismo.

Deusas-mães

Não existem relatos detalhados sobre a cosmologia mesopotâmica, além da descrição do universo como uma esfera com três níveis, a existência de vários mitos e de inúmeras divindades antropomórficas, cuja supremacia foi se alternando ao longo das culturas suméria e acádia, seus nomes divinos sendo modificados ou trocados. Existia uma tríade divina personalizando o Sol (justiça), a Lua (sabedoria) e a Terra (força vital), ou céu, terra e o mar primordial, com um realce especial dado ao planeta Vênus, representado por Ishtar e Inanna.

Foram os povos agrários da Suméria que nos deixaram o mais antigo nome conhecido de uma divindade criadora do universo. Nammu, "A Mãe que deu nascimento ao céu e à terra", é descrita em alguns poucos fragmentos de documentos extremamente antigos, sendo que o ideograma usado para seu nome significava tanto "mãe" quanto "oceano". Esta mãe-oceano, diretamente associada com as águas uterinas, é o grande e universal útero abissal, o profundo mar primordial, que encontramos nos mitos de todas as grandes culturas.

Na cosmologia suméria Nammu é a origem de todas as divindades, o oceano primordial, a causa primeira, o ventre em que foi gerado o universo. Céu (An) e Terra (Ki) ainda se encontravam intimamente entrelaçados no útero de sua mãe Nammu, quando de seu abraço amoroso surgiu uma substância etérea chamada de lil. Significando algo como "vento, respiração ou espírito", esta palavra se aproxima do nosso conceito de "atmosfera". Depois do primogênito Enlil ("O Senhor Vento"), foram surgindo os demais elementos do mundo

criado, incluindo os seres humanos. Todos eles constituem a prole de An-Ki, o universo gerado nas profundas e férteis águas do oceano primordial. Ao longo dos tempos, Nammu foi se expandindo e entrelaçando, dando passagem aos elementos que compõem o cosmos; como a "Mãe do Universo", Ela é atemporal como a própria vida e sua presença antecede a tudo que existe, sendo a origem de todas as divindades sumérias. Provavelmente esta Deusa Mãe Primordial não era reverenciada como um ser personificado, mas vista como uma força que atuava através de tudo que é vivo. Ela podia ser a terra ou o céu, as águas celestes ou terrestres, a montanha ou a caverna, os rios ou o oceano, as estrelas, o Sol ou a Lua. Ou, talvez, Ela era tudo isto, reunido pela energia da vida.

No início da epopéia babilônica da criação, Enuma Elish (significando "quando no alto") é apresentado o casal divino Apsu, deus das águas doces subterrâneas e Tiamat, a personificação feminina do mar. Apsu e sua consorte Tiamat eram as únicas divindades existentes no início dos tempos, antes mesmo que o céu e a terra fossem nomeados. Ao misturarem de forma diferenciada suas águas, deram origem a gerações de outros deuses, que começaram a incomodar com sua algazarra o casal primordial, especialmente o criador Apsu. Irado, ele enfrenta Tiamat, que, apesar de irritada, deseja ser indulgente com seus filhos barulhentos, enquanto Apsu quer exterminá-los. Antes disso ele é assassinado por seu filho Ea, que assume em seguida o trono. Pressionado pelos deuses revoltados com a morte de Apsu, Tiamat resolve vingá-lo e gera um exército de monstros, dando o comando ao filho Qingu. O filho de Ea, Marduk, oferece-se para enfrentar Tiamat, em troca do comando supremo. Como vencedor do confronto sangrento, ele corta o corpo da deusa ao meio, criando o firmamento e a terra, que mantém distanciados entre si as águas subterrâneas e os mundos inferiores. Em seguida,

Marduk cria todo o universo a partir dos pedaços da deusa vencida, incluindo os astros, as nuvens e a chuva, os rios Tigre e Eufrates; ele estabelece a contagem do tempo e forma a humanidade a partir do sangue de Qingu. Os sessenta deuses foram divididos em duas partes iguais, uma metade ficando no céu e a outra desceu para o mundo inferior. Para honrar o deus supremo, cria-se Babilônia, a casa dos grandes deuses e o centro da religião. O Enuma Elish retrata, portanto, um mito de soberania, uma superação das forças da inércia e do caos, atribuídas a Tiamat, em prol de uma nova ordem, imposta pelos seus descendentes, na figura de Marduk, que passou a ser considerado o criador e organizador do cosmos e o deus soberano.

Ishtar (também grafado como Istar) é o nome de uma das mais importantes deusas da mitologia mesopotâmica, deusa do amor, da fecundidade, dos nascimentos, dos combates e da cura, sendo equiparada às deusas de Canaã (Asteroth, Anunit e Anat) e à semita Astarte, tanto em termos de mitologia, como de significado. Suas características resultam da fusão de duas divindades mais antigas: Inanna, “Deusa-Terra e Deusa-Mãe” (sendo uma das mais antigas manifestações da Deusa-Mãe, venerada entre os antigos Sumérios, associada ao planeta Vênus e especialmente cultuada em Ur) e Istar, da qual ela conservou o nome, “Deusa semítica dos combates e da estrela da manhã”. Nos escritos sacros da Babilônia Ishtar era descrita como “A luz do mundo, A condutora das tropas, A Vitoriosa, A Rainha das cidades, Aquela que abria o ventre, A Juíza imparcial, A Doadora das leis, A Senhora da vitória, Aquela que perdoava os pecados, A Mãe da humanidade, A Deusa suprema, A Senhora do céu e da terra”. Descrita como filha dos deuses lunares Ningal e Sin, ou do deus celeste An, ela foi reverenciada em inúmeros templos como os de Uruk, Babilônia e Ninive.

As origens da deusa Ishtar se estendem a um período antediluviano, sendo mencionada na "Epopéia de Gilgamesh", suposto rei mortal que governou a cidade-estado de Uruk, logo após a época pré-histórica, mais precisamente em algum período do primeiro século do XXI milênio a.C. A "Epopéia de Gilgamesh" é o primeiro registro humano escrito de que se tem conhecimento, esculpido em tábuas de argila e encontrado nas escavações arqueológicas, junto aos restos do palácio de Ninive. Na Bíblia, Ishtar aparece como Ashtoreth, Anath, Asherah e Esther, “A Rainha celeste” e reverenciada no Oriente Próximo com os nomes de Dea Syria, Astarte, Cybele, Mari, Afrodite. Muitos paralelos costumam serem traçados entre a Deusa Ishtar e suas sucessoras em outras culturas mais recentes, como Afrodite, a deusa grega da beleza e da paixão carnal, ou a Vênus romana. No entanto, apesar das qualidades representadas por Afrodite e Vênus serem o amor e a beleza, Ishtar apresenta um lado mais sombrio, mais condizente com a realidade antiga. Ela era a “Rainha do céu”, mas como “Deusa do amor e da guerra”, era uma personagem ambígua, com um caráter mais humano e um temperamento mutável, que passava do amor ao ódio, da fertilidade à destruição.

Dotada desta ambiguidade, Ishtar era sem duvida uma Deusa ao mesmo tempo bela e terrível. Sua beleza fica clara em um hino composto em 1600 a.C.: "Reverenciai a rainha das mulheres, a maior entre todos os Deuses; o amor e o deleite revestem seu corpo; ela está cheia de ardor, encanto e voluptuosa alegria; seus lábios são doces, sua boca é a vida, a felicidade atinge seu auge quando ela esta presente; que visão gloriosa! Os véus cobrindo seu rosto, suas graciosas formas, seus olhos cheios de brilho". Esta é a radiante deusa do amor em sua primeira aparição à Gilgamesh, mas ela logo se transforma e assume uma face mais familiar, da "Senhora das dores e das batalhas". É a este seu caráter que lhe foi dirigido um hino da Babilônia: "Oh, estrela da lamentação; fazei com que os irmãos na paz se ponham em luta uns contra os outros e, no entanto, inspirai-lhes uma amizade leal e perseverante. Oh, poderosa senhora das batalhas, que derruba montanhas".

Inanna, cujo nome significava “A Grande Senhora do An (céu)” foi primeiramente reverenciada em Ur (Erech) na Suméria, no primeiro período histórico da Mesopotâmia (7000 a.C.), invocada e celebrada como força da vida em encantamentos, hinos, mitos, inscrições votivas, relatos históricos e poemas épicos. Assim como Ishtar, ela tinha outro aspecto: além de regente da fertilidade e sexualidade era também uma deusa guerreira, senhora da caça e da guerra, podendo destruir as colheitas e tornar animais e mulheres estéreis. Seus títulos incluíam: Rainha do céu e da terra, Luz do mundo, A estrela matutina e vespertina, A primogênita da Lua, A tempestade trovejante, A doadora da vegetação, Aquela que julgava corretamente e perdoava os pecadores, A pastora divina, A hierodula (sacerdotisa sexual)

celeste, Aquela que abria o ventre, O milagre da terra, A guardiã dos me(as tábuas sumerianas das leis).Seu número sagrado era 14, seus atributos: o brilho da lua cheia e o mistério da lua negra, cornos lunares, chuva e orvalho, leite e sêmen, caduceu e labrys (machadinha de duas lâminas que simbolizava o poder de dar e tirar a vida); seus animais sagrados eram: pomba branca, andorinha, escorpião e víbora. As oferendas eram: grãos, frutas (tâmaras, uvas), leite, mel, cerveja, pães especiais. Como “Grande Deusa”, Inanna é um arquétipo dos extremos naturais, como terremotos, monções, incêndios, erupções vulcânicas, tempestades. Numa antiga inscrição suméria ela aparece montada num animal furioso, fazendo chover fogo e devastando a terra. Nas descrições assírias, Inanna aparecia numa pose marcial, vestindo uma armadura, segurando arco e flecha e conduzindo os exércitos para vitória; os sumérios denominaram a guerra como “a dança de Inanna”. Porém aparecia também nua, coroada e alada, segurando seus seios num gesto de oferenda, com o corpo voluptuoso em forma de cálice e seu símbolo sendo a estrela de oito pontas. Contava-se que ela tinha descido do céu para trazer prosperidade ao seu povo e depois mergulhou no mundo subterrâneo, o reino da morte, em busca de sabedoria. Como “Senhora dos mil ofícios” era padroeira de centenas de atividades e funções, sendo a deidade feminina principal do seu povo, regente do mundo natural, da estrela matutina e vespertina (o planeta Vênus), da maternidade e família, mas ao mesmo tempo padroeira das prostitutas e da cerveja. Inanna teve inúmeros amantes e consortes, mas a sua maior ligação foi com Dumuzi, sua união sexual anual vista como fonte de fertilidade e de abundância da terra.

Os sacerdotes de Inanna, como era uma constante com todos os sacerdotes ligados ao culto da Deusa-Mãe, eram homens que assumiam a identidade feminina de forma radical, esmagando os próprios testículos entre duas pedras. Era crença comum de que a transformação de um homem em mulher para o serviço de Inanna não era escolha da pessoa, mas do destino, que se apresentava na forma de sonhos, quando o candidato a sacerdote ainda era muito jovem. Denominados Assinnu, os sacerdotes eram vistos como os representantes mortais de Inanna, considerados mágicos e seus amuletos e talismãs tidos como muito poderosos, capazes de proteger o usuário de todo mal. Acreditava-se até mesmo que, o simples fato de tocar a cabeça de um Assinnu concederia ao guerreiro poder e proteção para derrotar todos os seus inimigos. Como artistas rituais, os Assinnu tocavam lira, cimbalos e flautas e compunham hinos e lamentações, todos em Emesal, a língua secreta reservada às mulheres, tida como um presente direto de Inanna, ao contrário da língua comum de homens, Emeku.

Antu, Anta, Anatu era precursora de Ishtar, “Deusa do céu e da terra” na Mesopotâmia e em Canaã, regente do amor, da sexualidade e da guerra, protetora da caça, a “Donzela marcial” que amava as batalhas. Conhecida pelo seu temperamento violento e sanguinário, ela usava a espada e o arco para participar nos combates, depois de uma demorada preparação usando perfumes e henna e se vestindo com roupas vermelhas e douradas. Apesar de descrita como “Virgem Guerreira”, era invocada também para garantir a paz e a continuidade dos ciclos da vida; ela regia a fertilidade da terra e a sucessão correta

das estações para promover a colheita dos grãos. Em função do local do seu culto, era conhecida com os nomes alternativos de Anath, Anaitis, Anait, citada nos textos ugaríticos, hebraicos, acádios, fenícios, canaanitas e egípcios com atributos complexos e paradoxais. Como Antu era a deusa babilônia do céu, consorte de Anu e mãe dos deuses Enlil e Ea. Seu culto se espalhou nos países do Oriente Próximo (Libano, Síria, Palestina) e alcançou Egito, lá permanecendo mesmo após a cristianização e sendo equiparada com algumas outras deusas como Astarte, Neith, Sekhmet e Hathor. Anunit também era uma deusa precursora de Ishtar e como ela associada ao planeta Vênus, cultuada pelos povos babilônicos. Filha de Anu, o deus do céu, era regente do amor e da beleza, senhora da abundância da terra, porém também conhecida como “A Ceifadora”, dos grãos e dos guerreiros nas batalhas. Ela aparecia representada tanto como a mãe com um filho no colo, quanto como guerreira armada com arco e flecha.

Athirat-Asherah-Astarte-Anat

Em Canaã encontramos a “Deusa-Mãe” venerada como Athirat, de 8000 a.C. e até 1000 a.C.; no final deste período Athirat já era venerada juntamente com seu cõnjuge, o jovem Baal, que ficou mais largamente conhecido dos textos bíblicos. Ela também era chamada Asherah, Astarte ou Anat e, da mesma forma como Inanna, seus sacerdotes eram transexuais e denominados Qedshtu. A invasão de Canaã pelos seguidores sanguinários, patriarcais e fanáticos de Javé - povo depois conhecido como israelita - realizou-se aproximadamente em 1000 a.C. mas incapazes de subjugar completamente os cananeus, eles viveram nas proximidades deles durante algum tempo. Não é de se admirar que as mulheres israelitas foram atraídas pelo culto de Athirat, agora muitas vezes chamada Asherah, cujos seguidores acreditavam na igualdade dos sexos; até mesmo os homens israelitas, sexualmente reprimidos, também aderiram aos seus ritos.

Durante algum tempo os cultos de Javé e Asherah misturaram-

se tanto, que ambos chegaram a ser considerados como deidades complementares. Quase todas as leis levíticas são provenientes deste período e têm como objetivo a repressão e interdição do culto à deusa Asherah. Foi inteiramente proscrito o uso de roupas do sexo oposto, assim como “o uso de tecido feito de fibras variadas” (típico dos sacerdotes de Asherah) e interditada a presença, no templo de Javé, de “eunucos” que “tinham esmagado os seus testículos entre pedras”. As leis levíticas deram também permissão aos israelitas de matar suas próprias esposas e crianças se eles não seguissem os ensinamentos dos sacerdotes levitas.

Nessa disputa ferrenha entre Javé e Asherah, uma consideração da maior importância é que os seguidores de Javé constituíam um patriarcado, com a descendência estabelecida através do pai (patrilinear), enquanto os cananeus tinham a sua descendência definida de forma matrilinear, ou seja, a partir da mãe. O conceito da criança “bastarda” ou ilegítima é um produto dessa visão patriarcal da descendência, porque numa sociedade matrilinear, todas as crianças eram igualmente respeitadas. A posição de mulheres dentro dessas duas culturas era um ponto de permanente atrito; enquanto os cananeus praticavam uma igualdade entre os sexos, os israelitas não reconheciam nenhum direito às suas mulheres. A guerra aberta entre os israelitas e os seguidores de Athirat começou de fato logo depois do reinado de Salomão, quando Canaã foi dividido entre Israel e Judah. Até então, muitos soberanos hebraicos não só tinham sido tolerantes com a adoração de Athirat, como até mesmo foram, eles próprios, adoradores da deusa.

Artimpasa

Por volta de 8000 a.C. os povos da região onde hoje se situa a Rússia e a Ucrânia também adoravam a “Deusa Mãe”. Os primeiros registros dão o seu nome como Artimpasa ou Argimpasa e como a maior parte de outros aspectos da Deusa-Mãe, ela teve seus sacerdotes transexuais, mas o pouco que se conhecia deles foi perdido nas névoas do tempo. Sabemos alguma coisa apenas pelos nomes que os gregos deram a eles, apelidos insultantes, a menor parte do qual foi Enarees, significando “não-habilitado”; muitos autores sugerem que eles eram os descendentes espirituais diretos dos xamãs paleolíticos da Sibéria, equivalentes dos xamãs dos povos nórdicos e dos índios norte-americanos.

Em uma análise mais aprofundada, podemos compreender como se encaixa o arquétipo das belas e terríveis deusas Ishtar e Inanna na psique dos seres humanos, traçando-se um paralelo entre a existência física de certas mulheres e o aparente poder hipnótico e sedução que as mesmas possuem, sintetizando o caráter destas deusas como a personificação da complexidade feminina: dança e sensualidade. Hoje em dia, as verdadeiras dançarinas da alma, que se



Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

A Lua não se mostrou muitas vezes, desde que testemunhamos seu ritual de gratidão, por mais um ano tecido em experiências, aprendizados, desafios. Sem tréguas, você já se jogou nas águas de um novo ciclo, com riscos evidentes de se deixar levar pela rotina, que tão pouca atenção dispensa ao momento presente... Mas o meu coração ainda soa o ritmo da vida bem marcado dentro de você que, espero, agora vai me escutar.

Você já sabe que é natural que os ciclos se sucedam e que honrar os começos é tão importante quanto reconhecer com gratidão a iminência de cada fim. Descubra, então, o quanto antes, o valor das pausas.

O silêncio das pausas nasce das profundezas do ventre da Terra e segue abençoando vidas, adornando prosas, transbordando de significado cada troca de olhar. Pausas criam o

utilizam das culturas oriundas do antigo Oriente Médio, são as que praticam a dança do ventre.

Dentre os muitos episódios do mito de Ishtar/Inanna, um é particularmente relacionado à dança: a história da descida da deusa ao mundo dos mortos. A deusa Ishtar empreende esta jornada em busca de Tammuz, seu amado, que havia morrido em um moinho de grãos, enquanto Inanna busca a sabedoria e quer testar a lealdade do seu amado Dumuzi. No mundo dos mortos, Ishtar/Inanna são obrigadas a atravessar sete portais e a deixar, em cada um deles, um ornamento ou peça de sua vestimenta. Enquanto as deusas se encontram no mundo

dos mortos, a vida desaparece da terra - é a estação da estiagem, quando a vegetação seca e os rios se esvaziam. Quando elas ressurgem do abismo e voltam do mundo dos mortos, a vida renasce sobre a terra, os campos se cobrem de relva verde e nos rios volta a correr água abundante. “A dança dos sete véus” é por vezes associada a essa passagem do mito de Ishtar/Inanna, sendo este um dos mais famosos, belos e misteriosos ritos primitivos. A sacerdotisa oferecia a dança para a Deusa que existia dentro dela e que lhe dava beleza e força, mas também era realizada em homenagem aos mortos. As sacerdotisas, nos templos, retiravam não só os véus, mas todos os adereços sobre o seu corpo, para simbolizar a sua entrada no mundo dos mortos, sem apego a bens materiais, uma clara analogia ao desafio de Ishtar /Inanna. Determinadas, as deusas atravessaram os sete portais do submundo, e em cada portal deixaram um de seus pertences, véus ou joias (cada um deles representando seus sete atributos: beleza, amor, saúde, fertilidade, poder, magia e domínio sobre as estações do ano). Ao deixar os seus pertences sacros e retirando os véus, as deusas revelam a sua verdade; depois dos sacrifícios exigidos pela Senhora do Mundo Subterrâneo, elas voltam para o seu trono.

Com o passar do tempo, Ishtar/Inanna passaram a simbolizar as sete cores do arco-íris, os sete planetas conhecidos na época (representados na dança como possuidores de qualidades e defeitos que influenciaram o temperamento das pessoas) e os sete chacras (pontos energéticos do corpo humano); a dança passou a ser realizada por bailarinas, que se limitavam a retirar os véus. O véu representaria o que ocultamos dos outros e de nós mesmos. A retirada e o cair de cada véu, significam o abrir dos olhos, o cair da venda, que desperta a consciência da mulher, bem como facilita a evolução espiritual. A descida para o mundo subterrâneo representa uma jornada xamânica para enfrentar o medo da morte e compreender os mistérios da vida, uma verdadeira iniciação ao mergulhar no temido e desconhecido reino subterrâneo, que é o próprio inconsciente. Através deste rito de passagem aceita-se a inexorabilidade da morte como fazendo parte da vida, a descida no mundo inferior sendo apenas a passagem para um novo ciclo no mundo superior.



ritmo da vida, impedindo que essa se torne uma tola sequência de fatos, organizados segundo um compasso mecânico e incolor. É o nada, depois da última expiração, que antecipa a grandeza do renascimento, assim como é o hiato que se cria, ao meditar sobre a importância da palavra ouvida, que dá sentido à comunicação. O solo estará apto a receber uma semente quando estiver desapegado do que sobrou da última colheita. Assim é a sua vida, assim você e suas relações...

Neste início de ciclo, trago a você bênçãos de silêncio e serenidade, que se transformarão em berço para o valioso grão de confiança, que irá nutrir sua vida com nova qualidade de Luz. Assim, seu coração irá ecoar no ritmo do meu, para que você possa seguir, senhora do seu caminhar, honrando cada passo em sua senda, permitindo-se a energia para o trabalho, o deleite da colheita e a doçura do repouso, em sábia medida.

Em nutridor afeto e delicada proteção,

Aquela que é.